

TRABALHO ELABORADO POR PAOLA FAJONNI
www.pfconteudo.wordpress.com
NÃO FAÇA PLÁGIO

REDAÇÃO

Verdade ou mentira: uma questão dupla

“A verdade dói, mas a mentira mata”, “É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta”, “A mentira corre e cansa, a verdade anda e alcança”. Essas frases — ditados populares ou citações que de tão repetidas é impossível descobrir o verdadeiro autor — garantem uma coisa: a verdade pode ser difícil de enfrentar, mas triunfa e é menos nociva do que a mentira. Ao menos é o que diz o senso comum; a filosofia, entretanto, nem sempre concorda com o senso comum.

Os ditados populares e Immanuel Kant, porém, estão em sincronia. Os indivíduos não devem mentir, afinal, se a mentira fosse uma lei universal e todos mentissem, de fato seria impossível saber qualquer coisa de fato. Contudo, se só houvesse verdades, o risco de fazer inimizades, quebrar vínculos, expor-se desconfortavelmente e arriscar o próprio bem estar seria maior — pois uma verdade desconfortável poderia gerar discussões ou brigas. Logo, é preciso mesmo ser sincero em todas as situações? Mesmo diante de mentiras “inocentes”? Será que não se tem o direito de mentir em algumas situações, como as de autodefesa, como aponta Arthur Schopenhauer (2001)?

Parece mais comum dizer ao anfitrião que abre sua casa para recebê-lo que o bolo oferecido estava delicioso quando, na verdade, estava ruim. Afinal, é preciso ser educado. Não é o que os pais, avós, professores, os adultos todos ensinam às crianças, que crescem adequando-se às pequenas mentiras da boa educação? Esta e a sinceridade absoluta parecem excludentes. Para viver em sociedade sem (grandes) conflitos, é necessário um pouco de mentira, assim como é necessário para proteger-se de situações constrangedoras, desconfortáveis, perigosas, em que prefere-se manter segredo, etc. Assim, uma “mentira inocente” é válida e justa, ao menos para quem a diz.

Contudo, talvez o anfitrião não se ferisse pela sinceridade e em vez de nunca mais convidá-lo, a partir da crítica feita, aprendesse a preparar bolos melhores. Mesmo que seus sentimentos fossem magoados no momento, ele tiraria proveito da situação para aprimorar sua confeitaria. Privá-lo da verdade, neste caso, seria tirar dele a chance de melhorar. Mentir e, assim, passar como educado e tirar a chance do anfitrião tornar-se um bom boleiro seria justo? Quando uma mentira é justa para quem a escuta? E o que é uma “mentira inocente”? Uma mentira que não prejudique ou incrimine ninguém, talvez. Entretanto, mentir ao anfitrião e privá-lo do direito de melhorar sua culinária não seria prejudicá-lo? Seria mais adequado, então, dizer que a mentira é válida desde que não prejudique *seriamente* ou incrimine alguém?

A questão da justiça na mentira parece ser uma questão dupla. Justa para quem: para o falante ou para o ouvinte? E a mentira, quando benéfica apenas a quem a conta, o quão maléfica é para o outro?

Parece que a verdade e a mentira são indissociáveis do egoísmo ou da generosidade. Escolher entre um e outro, então, seria escolher entre você e o outro, em como deseja relacionar-se com seu ouvinte. Para isso, creio, não há fórmula: com cada um relaciona-se de uma maneira, e pesar a justiça em mentir ou não para alguém passa por analisar tal relacionamento e ponderar o que se deseja dele, para você e para o outro. Em dadas situações, a verdade pode ser mais fácil; em outras, a mentira se mostra a saída mais adequada. Desta forma, há sim situações em que é justo mentir.